

Carta a Don Ramón

Sandra Boto
Universidade do Algarve
Portugal
19-XI-2019

Afetuosíssimo amigo,

Apressei-me a responder ao seu contacto, como agora se diz, embora a surpresa de receber uma carta de V.^a Ex.^a me tivesse deixado paralisada. Não sei de que modo poderei ser útil a V.^a Ex.^a, mas desde já disponha como entender dos serviços desta já não tão jovem mas permanentemente precária investigadora. São assim os novos tempos.

Mas deixe V.^a Ex.^a que lhe dê os parabéns (*felicitaciones*) pelo seu 150.^o aniversário (*cumpleaños*)! Desejo-lhe muita saúde para que possa continuar a brindar-nos com a sabedoria a que nos tem habituado durante o último século e meio, embora já se deva ter apercebido V.^a Ex.^a de que nos últimos anos têm surgido algumas vozes dissonantes que carregam (*aportan*) alguma neblina (*niebla*) sobre seu trabalho, apontando o dedo ao seu suposto enfoque nacionalista castelhano. Eu própria já redigi umas frouxas (*flojas*) linhas sobre o assunto. No caso de V.^a Ex.^a ter interesse em conhecê-las, terei todo o gosto em enviar-lhe o trabalho, que deverá fazer o favor de rebater conforme lhe aprouver.

Não tem preço o privilégio de me ser permitido trocar ideias com tão ilustre erudito, cerca (*alrededor*) de 100 anos volvidos sobre os episódios que marcaram a relação de V.^a Ex.^a com os insignes filólogos e nossos amigos comuns, a Sr.^a D.^a Carolina Michaëlis de Vasconcelos e o Sr. José Leite de Vasconcelos. Vai perdoar-me com certeza a comparação, mas sinto-me como que imersa nos versos daquela canção de Violeta Parra que foi celebrizada por Mercedes Sosa, “Volver a los diecisiete después de vivir un siglo” (não sei se V.^a Ex.^a a terá conhecido, entretanto, ou se, conhecendo-a, a apreciará). Creia-me que me sinto como se tivesse passado mais de um século desde que comecei a acompanhar o edifício de saber que V.^a Ex.^a construiu, mas sem nunca abandonar o estádio de imperícia que caracteriza a infância, quando ousou comparar-me com V.^a Ex.^a.

De qualquer modo, tinham razão a Sr.^a D.^a Carolina Michaëlis de Vasconcelos e o Sr. José Leite de Vasconcelos, nossos amigos comuns, quando demonstraram, entre finais do século XIX e inícios do século XX, que V.^a Ex.^a é dotado de uma capacidade de trabalho invulgar e constante. Agora percebo com clareza o porquê: a insuperável D.^a María, sua esposa, desempenhou (*jugó*), naquele tempo, um papel fulcral (*indispensable*). Acha V.^a Ex.^a que se lhe tem reconhecido o devido mérito? Eu estou em crer que não. A Sr.^a D.^a Carolina, senhora de finíssimo trato, confessou-me, embora um tanto na dúvida, que a senhora sua esposa era uma mulher de uma inteligência única, mas que o trabalho por ela desenvolvido (*desarrollado*) sempre foi reputado como uma mera colaboração para que o labor de V.^a Ex.^a pudesse brilhar qual estrela no céu de agosto. Por exemplo, a Sr.^a D.^a Carolina não entende o motivo pelo qual V.^a Ex.^a mediava as relações entre ambas. Muito menos apreciou (por ser senhora discretíssima nunca

ousou confessar-lho) que o envio da nota sobre o feminismo em Espanha que a Sr.^a D.^a María Goyri fez o favor de preparar com tanto custo, numa época em que acabava de dar à luz, fosse frequentemente tratado com V.^a Ex.^a, através de quem lhe chegavam recados de sua esposa de teor profissional, naqueles tempos. Julgou ainda inacreditável que o Sr. Don Ramón lhe escrevesse que, se a Sr.^a D.^a Carolina não encontrasse valor no trabalho da senhora sua esposa, não lho devia publicar. Pensa ela, e eu concordo, que V.^a Ex.^a deveria antes incentivar a promoção (*diseminación*) da atividade da sua mulher, sabendo de antemão o valor irrepreensível de tudo o que saía da sua pena. De qualquer forma, este episódio deu a entender que V.^a Ex.^a não concebia como adequada a abordagem deste tipo de temas pela Sr.^a D.^a María Goyri. É pena, caríssimo amigo, é de lamentar. Mas os tempos mudaram, e disso já deve ter V.^a Ex.^a tomado consciência. Hoje, a sua esposa desfrutaria certamente de um lugar bem mais proeminente no olimpo dos eruditos espanhóis da primeira metade do século XX.

Advertiram-me ainda os nossos amigos comuns de que V.^a Ex.^a padece de sérias dificuldades com a Língua Portuguesa. Receio bem, a ser assim, que esta carta possa não ser entendida na sua totalidade. Por isso aceitei o que me pareceu ser um sábio conselho do Doutor Leite de Vasconcelos: traduzo aqui certos termos (*términos*) portugueses que se me afiguram de decifração mais estranha (*rara*) para V.^a Ex.^a, facilitando, deste modo, a nossa comunicação. Reportou-me o nosso Leite que foi assim que procedeu nalguma da correspondência que trocou consigo e que o método resultou extremamente eficaz. Segui, pois, o conselho dele. Com efeito, já a ilustre romanista alemã, a Sr.^a D. Carolina (cujo domínio impecável do Português não conhece disputa nem sequer entre os pais da língua) me confidenciara à pureza que V.^a Ex.^a lhe havia confessado um dia, há longos e longos anos, que não entendia português. Explicou-me então a nossa saudosa amiga que atribuía essa confiança a um excesso de humildade da parte de V.^a Ex.^a, mas também me relatou que as dúvidas etimológicas constantes que V.^a Ex.^a lhe reportava nas suas cartas, rogando-lhe ajuda, auguravam um real e preocupante desconhecimento da língua dos lusos, sobremaneira quando, tal como me contou o Sr. Leite de Vasconcelos uns tempos mais tarde, o seu projeto dialetológico tinha ambição peninsular. Fiquei, devo confessar, um pouco perturbada. Mas de modo algum pretendo (*deseo*) que se sinta V.^a Ex.^a afetado com esta dificuldade linguística, já que, no ano em que lhe escrevo, 2019, o Português terá inclusive perdido, por força do mal negociado Acordo Ortográfico, tantas marcas etimológicas, que se terá convertido numa língua plana, só de longínqua filiação latina. Se V.^a Ex.^a padecia de problemas com o meu idioma há 100 anos, nem quero imaginar como se sentirá atualmente. Estarei disponível para colaborar neste campo, auxiliando V.^a Ex.^a sempre que entender pertinente (*conveniente*).

Seja como for, apreciei saber que, em 1906, quando publicou V.^a Ex.^a aquela monografia sobre o *Dialecto leonês*, tentou convencer o Sr. Leite de Vasconcelos acerca da filiação leonesa do então tido como dialeto mirandês. Já deverá ter V.^a Ex.^a ouvido dizer que o Mirandês adquiriu, entretanto, o estatuto de língua oficial em Portugal, ao lado do Português. Mas voltando ao Sr. Leite, ele é difícil de convencer, como V.^a Ex.^a já deve ter percebido, embora nada que a persistência proverbial de Don Ramón não solucione quando o assunto é imperioso.

Já agora, e por falar em persistência, deixe-me que lhe transmita alguma tranquilidade a respeito do romanceiro português. Se me permite o reparo, não vejo necessidade de tamanho nervosismo na relação com o nosso Sr. Leite de Vasconcelos.

Ficou suficientemente nítido que os interesses científicos dele iam noutra direção, muito vocacionados para a etnografia. O próprio esclareceu, já nos anos 30, que as perspectivas de trabalho de V.^{as} Ex.^{as} eram muito diversas e que nada havia a conhecer sobre o romanceiro português que a erudição de V.^a Ex.^a não conhecesse já. Na minha modesta opinião, ele não estava a ser sincero. Mas já se vê que não estava minimamente disposto a colaborar no seu projeto, ancorado no método da geografia folclórica. Não se angustie V.^a Ex.^a, repito, pois na correspondência que lhe enviou, o seu método encontra-se extremamente bem descrito e a sua honestidade científica a respeito da indicação das fontes das versões também (hoje chamar-se-ia a essa forma de trabalhar “acesso aberto” ou “ciência aberta”). Era irremediável a pobre cooperação entre os dois neste campo, já se vê, pois a verdade é que o Sr. Leite encarava os materiais folclóricos como propriedade privada, nos antípodas, portanto, da forma de trabalhar visionária e tão atual de V.^a Ex.^a.

Ainda no que respeita ao romanceiro, tema cujo interesse nos enlaça, as grandes joias não surgiram na coleção do Sr. Leite de Vasconcelos. Pode ficar V.^a Ex.^a descansado a este respeito. Os raros temas épicos castelhanos detetados na tradição insular portuguesa, por exemplo, só seriam encontrados entre os anos 60-80 do século XX. E não tem V.^a Ex.^a razão para se preocupar relativamente ao acesso a estes materiais, nem quanto à sua utilização. Eles encontram-se hoje *online*, em livre acesso, exportáveis em diversos formatos e à inteira disposição de V.^a Ex.^a e da sua equipa para o que entenderem.

Como vê, a filologia sem barreiras é um compromisso inalienável para o nosso projeto Romanceiro.pt. Seguimos, portanto, as pisadas de V.^a Ex.^a, movidos pelo espírito de generosidade e solidariedade que sempre o caracterizaram. E esperamos não desiludir nem a obra nem, quando nenhum de nós perdurar já neste mundo, a memória de V.^a Ex.^a.

De V.^a Ex.^a, com toda a admiração,

Sandra Boto